

TEXTO PARA FOLDER

A cidade em projeto – Manoel Novello

No encontro de cores, traçados e transparências há construções imaginárias: abrigos, passagens, monumentos. Pinturas e desenhos reverberam a arquitetura da cidade. Mas o artista desafia sua objetividade com incursões do pincel que enfrentam a contenção das linhas. Cortes e lacunas mostram a presença crua do papel. Em áreas monocromáticas, a linha ressurgiu apenas com o apurado acúmulo da tinta. A projeção isométrica dos planos é alterada por espaços que ora afastam-se ora aproximam-se. Indeterminados, testemunham um embate plástico entre a forma ideal, única, e ocorrências do acaso, percebidas de modo variável.

Cada trabalho concede uma intensidade cromática à geometria de casas conjugadas, à saturação urbana, ao abandono das empenas, à ilusão dos espelhos, à piscina turva... O corpo, ausente, aparece apenas na pincelada irregular, na linha que oscila e no que resta incompleto nestas projeções. Na densidade do urbano, ressurgem espaços desertos que mantêm a cidade à espera, em projeto.

Luiza Interlenghi
Curadora

Este texto foi para a exposição "A Cidade em Projeto", no Centro Cultural Justiça Federal, CCJF, Rio de Janeiro, em abril de 2013.

PANORAMA AMPLIADO DA PINTURA

"Le premier mérite d'un tableau c'est d'être une fête pour l'oeil"

Eugene Delacroix

Um dos méritos e mistérios da grande arte da pintura é o fato de ter se mantido viva como linguagem inovadora ao longo do último século. Resistiu às novas formas de expressão e meios que pretensamente proclamados como modelos de substituição - que partindo da própria pintura e seu complexo vocabulário e sintaxe - na verdade ainda não foram capazes de formar um glossário linguístico capaz de gerar crítica, reflexão profunda e densa.

Estamos diante da obra recente (2011 a 2013) do artista Manoel Novello. Diferente das propostas dos jovens pintores surgidos nas últimas duas décadas que optaram por trabalhar uma figuração vinculada à narrativa do bizarro, do fantástico, ou a um tipo de expressionismo recorrente (Neo Rauch e Peter Doig), sua pintura se engasta nas proposições surgidas no início do século XX como o suprematismo, o construtivismo e as expandidas lições da Bauhaus. Walter Gropius em um texto escrito em Weimar em 1919 afirmava: formemos pois um novo grémio de artesãos sem a pretensão classista de erigir uma arrogante barreira entre artesãos e artistas!

Pertencente a este pensamento e ação, Manoel Novello sabe que fazer é parte constitutiva do todo e que, sem ele, a linguagem da pintura jamais será consumada. Há que se saber fazer.

Se os títulos dados a suas obras já remetem a fatos ligados à cidade, sua arquitetura, seus pormenores e modos de projetar e existir (janela, vias de acesso, cidade amada), sua pintura também reflete esta vontade construtiva. É trabalhada pacientemente em sucessivas camadas de cor. Há neste gesto a clara

intenção do artista de chegar, através do ofício e da artesanaria refinada da pintura, a um colorido específico. Neste estado de busca, momento instável onde as decisões racionais são tão importantes quanto as afetivas, se dá o momento de iluminação e criação. Suas pinturas atuais são, como nos poemas de João Cabral, imaginação, concisão emocional e vontade construtiva.

A clareza das formas nos leva também a campos e espaços onde o rigor e a contenção imperam ao mesmo tempo em que uma ambígua profundidade nos transporta a paisagens, céus e verdumes.

Esta figuração se estabelece de forma sutil e apolínea. Aparece no plano da tela através de uma trama que engendra perspectiva. Basta verificar na obra "Panorama Ampliado" - a última produzida pelo artista para esta exposição - para confirmar não só o que propus nesta resenha bem como encontrar ali a assertiva de Eugene Delacroix quando afirma que o primeiro mérito de um quadro é ser uma festa para os olhos. Manoel Novello também trilha esta via de encantamento e sabe que há muitas outras.

Reafirma na concretude de seus trabalhos que uma das funções da pintura é continuar sendo ela mesma, fiel a si própria e reconhecível como linguagem e expressão humana.

Gonçalo Ivo

Esse texto foi para uma resenha, na Revista Dasartes, ano4, número28, JUNJUL2013.